

Encontro: Cotidiano, Cultura Popular E Planejamento Urbano.

Anais... Sao Paulo : Fau-Usp, 1985.

Eclea Bosi

O Trabalho Manual

O texto presente nasceu da preocupação com o cotidiano dos que se dedicam às camadas pobres da população e para eles se destina.

Na preparação para a militância o trabalho manual - mais que o exercício físico - é um treinamento privilegiado. Pois a ginástica não tem outra finalidade que fortificar o corpo enquanto que o trabalho produz bens.

Gandhi perguntou uma vez - "De que tipo de serviço, as centenas de milhares de homens que povoam a Índia têm maior carência na época atual? Qual é aquele que pode ser facilmente compreendido e executado e que, ao mesmo tempo, auxiliaria a viver as multidões de meus compatriotas esfomeados?"

Ele acreditou na época que o *svadeshi* (serviço fraterno) poderia ser praticado através da roda de fiar que produzia o *Khaddar*, tecido feito à mão.

O uso do *Khaddar* tornou-se um símbolo de independência e de não-colaboração com as empresas estrangeiras.

Palavras em sanscrito como *svadeshi* encerram vários sentidos: nas *Cartas a Ashram* (São Paulo, Helmus, 1971), Gandhi se refere a *svadeshi* como libertação da servidão terrestre (p. 77), consagração ao serviço do próximo (p. 78), dever para com a sociedade (p. 79), serviço universal (p. 80), e emprego de artigos de fabricação local (p. 119).

Marx já alude aos hindus mortos de fome pela maquinária inglesa inserindo em *O Capital* frases como "os ossos dos tecelões de algodão que branqueiam as planícies da Índia".

Nos seus últimos anos, em Congressos na ONU ou em países europeus, Gandhi era visto trabalhando com sua roda de fiar mostrando os vínculos que o uniam a seu povo.

Não porque o artesanato possa substituir o sistema industrial, o que seria utópico nas circunstâncias atuais, mas porque o trabalho manual servia, no caso, de resistência ao imperialismo inglês.

"Vi a miserável refeição dos pobres, insípida, porque ninguém tinha uma pitada de sal para pôr no arroz simples." Esta observação de Gandhi decorre do monopólio de sal que o Império Britânico impusera ao país. Já idoso, ele empreende uma longa peregrinação, caminhando vinte e quatro dias até o mar. Dia 6 de abril de 1930, ele enche uma chaleira de água marinha, acende um fogo com um punhado de gravetos e a põe a ferver. Evaporada a água, recolhe do fundo um punhado de sal. Em todas as praias da Índia, acendem-se milhares de pequenas fogueiras como aquela, sob milhares de pequenas chaleiras.

Ficou evidente o alcance político desse gesto quando os industriais conseguiram a prisão do Mahatma já com sessenta anos e o espancamento e cadeia para seus seguidores, cujo crime consistira em produzir com as próprias mãos um saquinho de sal.

Faz parte da estética neocapitalista o desprezo pelas coisas gastas, usadas com marcas do trabalho e da vida. Preferem-se objetos novos, frios, protocolares.

No entanto, os velhos objetos estão impregnados de biografia e de memória.

Gandhi aconselhou vivamente a não jogar fora os objetos quebrados mas repará-los, nem abandonar as coisas velhas, mas conservá-las em uso.

Está escrito no *Bhagavad Gita* que aquele que come sem antes oferecer um sacrifício, come alimento roubado. Sacrifício aqui significa o bíblico ganhar o pão com o suor do rosto.

Lê-se no livro sagrado dos Brâmanes "aquele que recebe sem retribuir os bens que os deuses oferecem, este certamente é um ladrão". E mais adiante: "Da nutrição originam-se os seres, da chuva nasce a nutrição, do sacrifício nasce a chuva, o sacrifício origina-se na ação" (cap. III, versos 12 e 14).

Diz a comida, no *Mahabharata*, para quem a come: - "Aquele que, sem me dar aos deuses, aos monges, aos servidores, aos hóspedes, me consome preparada, na sua loucura prepara um veneno, pois eu é que o consumo, eu sou sua morte".

Se considerarmos o alimento uma incorporação das oferendas do universo à nossa sobrevivência, uma pergunta se formula: e os resíduos do nosso existir?

O que acontece aos restos, migalhas, dejetos, cinza, poeira, que deixamos para trás ao viver?

Há uma grande irresponsabilidade social quanto aos resíduos.

Deveríamos voltar os olhos para essas migalhas e torná-las objeto de percepção e indagação.

Entregues ao consumo e ao desfrute da cultura achamos natural que outrem se encarregue de "questões secundárias": alguém continua

cozinhando, servindo, lavando pratos, copos onde bebemos, limpando banheiros, arrumando camas para nosso sono, esvaziando cinzeiros, regando plantas, varrendo o chão, lavando a roupa. Alguém curvou suas costas para o resíduo de outras vidas.

O que poderá mudar enquanto a criança escuta discursos igualitários na sala, mas observa na cozinha e nos fundos da casa, o sacrifício constante dos velhos e empregados?

A verdadeira mudança política dá-se a perceber no interior, no concreto, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial.

Uma revolução que não comece e não acabe transformando o cotidiano não merece nosso empenho.

Somos todos limpadores, ensina Gandhi; cada um tem o dever de esconder seus detritos, de apagar os traços residuais de sua atividade, não agindo mal como as indústrias que lançam na natureza seus restos poluídos.

Essa atitude traduz a visão do mundo em que existem figura e fundo social. É figura - isto é, aparece em contornos nítidos - a classe que desfruta da cultura e do consumo. E mergulha no fundo obscuro, apenas para destacar a figura, a multidão dos que servem e limpam.

Outra visão teríamos, penetrando o olhar nesse fundo, nele concentrando nossa atenção, até perceber que aí se delineia a verdadeira figura social. A atenção aqui tem o sentido que lhe deu Simone Weil: categoria do espírito, observação em que a vida se concentra em algo fora de nós (*A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979). Um sair de si mesmo, uma "liberdade em relação ao objeto", segundo Hegel. Creio que há vinculações profundas entre a atenção e o trabalho manual.

Essa percepção de uma grandeza não reconhecida, a dos socialmente pequenos, deveria ser ensinada à criança e ao jovem antes que eles comecem a viver o tempo da classe dominante que assume o controle da vida social.

Enquanto tal controle não se patenteia na consciência, ela mergulha os olhos encantados no tempo subjacente e oculto dos dominados, onde encontra seus vultos familiares.

Quando a criança observa o trabalho do padeiro, do sapateiro, do pintor, suas técnicas lhe aparecem como verdadeira magia.

São um artista poderá reencontrar mais tarde nos seres despojados essa aura perdida.

Exercício útil para o jovem avaliar as coisas que o rodeiam sob o prisma: "Quantas horas de trabalho operário foram precisas para a confecção desta mesa, deste lápis, desta cadeira?"

Perceber no objeto a presença do sujeito, das horas de vida do trabalhador que o criou, substância oculta da mercadoria. Este é um bom início para enfrentar as peripécias da viagem que percorre teoria e ação.

Muito lutou o educador Celestin Freinet para que a criança aprendesse na escola o trabalho de tipografia para imprimir suas composições. Os resultados foram admiráveis. Os alunos, com os dedos manchados de

graxa, aprenderam a responsabilidade do tipógrafo e começaram a depurar suas mensagens e a refletir melhor sobre seu conteúdo. Composições escolares banais se transformaram em poemas que um artista teria orgulho de assinar.

O trabalho manual faz parte da verdade e do conhecimento; as mãos que servem e limpam, que fazem e transformam, penetram a natureza das coisas. Têm uma afinidade com o concreto, mesmo quando a pessoa, carente ou fatigada, não consegue expressar em outros níveis o que sente.

Preso em 1930, Gandhi escreveu uma série de cartas orientando seus discípulos que ficaram na comunidade de Ashram e se sentiam perplexos e abandonados. Estes jovens se defrontaram com os desafios do capital estrangeiro e do latifúndio na Índia e Gandhi os fortalece e prepara para resistir.

O primeiro passo para a transformação deve começar nas raízes. Um militante radical lava o prato onde comeu e o copo onde bebeu abolindo ao menos ritualmente em sua vida a divisão de trabalho.

É importante que o jovem assuma essas pequenas tarefas não como uma carga, mas como um gesto de libertação, de ligação com o todo, um treinamento para levantar voo.

O *svadeshi*, serviço fraterno, implica na libertação da indústria, do objeto fabricado em série, do artigo estrangeiro, quando este supõe a desigualdade e a opressão.

Abrange além da renovação da estrutura econômica, inventividade no cotidiano. O trabalho manual assim praticada não é servidão mas criação, transformação da natureza, produção artística, técnica do corpo, enfim, presença do homem, no mundo fetichista da mercadoria.

A mediação religiosa (religião sempre com o sentido de ligação com a totalidade) em Mahatma Gandhi é antropológica. Parte de dados culturais, de símbolos como o *Khaddar* que são fontes de valores para sua gente, ao mesmo tempo arcaico e revolucionário.

Sem a inteligência dessa cultura material vivida, uma nova ordem teria a mesma face da que conhecemos, abstrata, racional e opressora.

O *svadeshi* é uma doutrina de desprendimento e coragem e que tem suas raízes no mais puro *ahimsa*, isto é, no amor pelo povo.